



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO PSÍQUICO, NO ADOLESCENTE, NO
RORSCHACH

ANA MARIA RAPOSO DOS SANTOS MARQUES

Orientador de Dissertação

DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação

DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr.^a Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2^a Série de 26 de Setembro, 2006

Resumo

O espaço psíquico do adolescente é a base da construção de uma identidade própria que pressupõe a definição de uma identidade sexual (feminina/masculina) através da acção do materno e do paterno. Aceder à constituição deste espaço torna-se assim um objectivo a concretizar.

Através da análise do método Rorschach, aplicado a dois adolescentes de sexo diferente, aborda-se a forma como o materno/paterno e o feminino/masculino marcam a qualidade do espaço psíquico no adolescente.

Parte-se do pressuposto de que a construção do mundo interno no adolescente é sustentada por uma relação continente-conteúdo, que se constitui com base na relação mais primitiva do sujeito com o objecto primário – a relação com o materno e o feminino. Acede-se assim ao *ser com*, depois de construído o *ser*, assistindo-se à constituição de um sentimento de identidade, de ser.

A análise do processo resposta Rorschach permitiu observar como o adolescente se constrói e é construído, tornando possível concluir sobre a constituição do espaço psíquico no adolescente. A construção de sentido nos protocolos, efectuada através de uma metodologia que pressupõe o encontro entre o sujeito e o objecto, permitiu evidenciar a forma como os adolescentes constroem a sua “história” pessoal, como constituem um sentimento de existência, de Ser.

Abstract

The psychic space of the adolescent is the base of the construction of a proper identity that estimates the definition of a sexual identity (feminine/masculine) through the share of the maternal one and of the paternal one. To accede to the constitution of this space becomes thus a objective to materialise.

Through the analysis of the Rorschach method, applied to two adolescents of different sex, it is approached from as maternal/the paternal one and feminine/the masculine one marks the quality of the psychic space in the adolescent.

It has been broken of the estimated one of that the construction of the internal world in the adolescent is supported by a relation content-content, that if on the basis of constitutes the relation most primitive of the citizen with object primary - the relation with maternal and the feminine one. It is acceded thus to the being with, after constructed to the being attending itself it the constitution of a feeling of identity, being.

The analysis of the process Rorschach reply allowed to observe as the adolescent if it constructs and it is constructed, becoming possible to conclude on the constitution of the psychic space in the adolescent. The felt construction of in the protocols, done through a methodology that estimates the meeting between the citizen and object, allowed to evidence the form as the adolescents construct its "personal history", as they constitute an existence feeling, of Being.

Índice

1. Objectivos	1
2. Problema.....	1
3. Método.....	2
4.Procedimentos de análise.....	6
5.Participantes.....	11
6.Análise dos protocolos.....	11
7.Discussão.....	18
8.Conclusão	21
Referências bibliográficas.....	23
Protocolos.....	24

1. Objectivos

Aceder à constituição do espaço psíquico do adolescente é o objectivo deste estudo. Considera-se que este espaço é a base da construção de uma identidade própria, que pressupõe a definição de uma identidade sexual (feminina/masculina) através da integração do feminino e do masculino e da acção do materno e do paterno. Encara-se a adolescência como um processo dinâmico, com movimentos de progressão e de regressão, de dispersão e de integração, cujo objectivo é a construção de um mundo interno sustentado por uma relação continente-conteúdo, constituída com base na relação mais primitiva do sujeito (bebé) com o objecto primário – a relação com o materno e o feminino.

2. Problema

Através dos conceitos de Bégoïn-Guignard (1988/1995) de materno primário e de feminino primário, bem como da relação continente-conteúdo de Bion (1990), é possível estabelecer a importância do materno e do feminino na consolidação de um sentimento de **Ser**.

Na senda desses autores, definimos um espaço psíquico onde se organizam as identificações, desenvolvendo-se este na relação com o objecto de amor primário e na primeira triangulação observável no ser humano. Estas primeiras identificações são essenciais ao estabelecimento do Eu e à constituição de uma identidade e de uma identificação.

Este espaço é mediado por uma relação continente-conteúdo, que atribui significado às experiências emocionais significativas através da *rêverie* materna. É assim acentuada a importância do materno e do feminino através da capacidade de *rêverie* materna que, portadora da função alfa, desempenha o papel de continente, conferindo significado à experiência do bebé, permitindo-lhe a construção do seu psiquismo. A relação continente-conteúdo vai permitir manter a integridade do Eu, tornando-se o *feminino primário* o que vai possibilitar o *ser com*, depois de se construir o *ser*.

Desta relação surge a possibilidade do adolescente se poder pensar e sonhar, assim como poder pensar e sonhar o outro através de si na relação. Surge então o sentimento de Ser, a realização do Ser visível na forma como se relaciona e vivencia no mundo que o rodeia, nas relações que estabelece com os outros. *Ser com*, aberto a novas experiências e realizações,

permite-lhe trilhar o caminho da procura de si, de forma a encontrar o Outro, através do qual se pode complementar.

O carácter de processo de transformação e de maturação da adolescência é acentuado através da existência de um jogo de ligação, criação e transformação do objecto entre a realidade interna do adolescente e a realidade externa de que este se apercebe subjectivamente, tendo sido acentuada por Jeammett (1980) a importância da articulação entre estas duas realidades como organizadoras dos conflitos sentidos pelo sujeito durante a adolescência, tornando-se o espaço psíquico alargado do adolescente o suporte e garantia do objecto interno.

Este jogo de ligação entre interno e externo é revelador do nível de diferenciação entre sujeito e objecto, entre interno e externo, entre o Eu e o Outro, tornado possível através de um trabalho de transformação que implica um novo objecto ligado e recriado.

Existe uma negociação incessante referida por Marques (1999) na adolescência, com o objectivo de se realizar integrações e estabelecer novas relações, ligações, transformações que, ao reatualizar problemáticas anteriores permite a consolidação e a estabilização psíquica. O adolescente vai assim construir-se no seio de uma relação continente, interna, estabelecida entre si e o Outro, capaz de conter as ligações/desligações, tornando possível a existência de um espaço psíquico que é capaz de tolerar e modificar as suas experiências internas.

O reconhecimento da diferença dos sexos torna-se possível, assiste-se à capacidade de reconhecimento da noção de diferença, de o adolescente ser capaz de perceber e distinguir a criança do adulto, a mãe do pai. A integração dos elementos masculinos e femininos, conceitos que derivam de Winnicott (1975), vai afectar a construção do sentimento de identidade uma vez que o elemento feminino puro torna possível a auto-descoberta, o sentimento de existir e o reconhecimento do Outro enquanto diferente. O elemento feminino *é*, o elemento feminino *faz*, e a possibilidade de estabelecimento de uma relação acontece.

3. Método

Foi utilizado como método o Rorschach que, conforme refere Chabert (*in* Marques, 1999), acede ao funcionamento mental através de um modelo psicanalítico no qual “... os dados da prova são usados como uma semiologia, e para a análise são consideradas as relações entre o

conteúdo manifesto e o latente das manchas, as ligações entre a percepção, a representação e os afectos, as oscilações entre o processo primário e o processo secundário, a regressão, os conflitos e os mecanismos de defesa. O Rorschach é função do julgamento e do pensamento e dá conta das ligações entre a percepção e a representação, já que todas as representações têm origem nas percepções e o pensamento possui a capacidade de tornar presente aquilo que alguma vez foi percebido...” (op. cit. p. 180,181).

O Rorschach permite, na concepção de Chabert (1998), pela sua estrutura, uma centração em torno de tudo o que se refere à representação de si e à evocação de representação de relações. Acede-se, assim, através da análise do conteúdo latente dos protocolos, ao funcionamento interno do sujeito, seguindo-se duas linhas de orientação: a construção da imagem de si, que engloba a imagem do corpo, a identidade e o investimento de si e o reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação; e a representação das relações, onde deve ser referenciada a imago materna e as relações de objecto de amor e ódio.

Numa outra concepção, Marques (1999) refere o Rorschach como o “... instrumento auxiliar que nos facilita aceder aos processos dinâmicos de funcionamento mental, concebidos a partir dos modelos de relação, de crescimento e pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e transformação.” (op. cit. p. 155). Assim, uma resposta Rorschach é uma imagem e um conceito-objecto. “Reconhecer, dar sentido e significação a uma mancha Rorschach, num espaço-tempo específico... ocorre através da acção preferencial da identificação projectiva – que é o lugar de encontro, de comunicação e de conciliação, de união e de integração entre interno e externo, entre sujeito e objecto –, conduz a novas significações, através de novas relações continente-conteúdo e conduz à criação de um “novo objecto”, um conceito símbolo, que surge para restaurar o “caos”. (Marques, 1999, p. 157). O Rorschach pode assim ser utilizado como um instrumento que permite revelar os processos mentais que fundam a relação do sujeito com o objecto, permitindo o acesso aos processos que actuam em cada sujeito, de forma a estabelecer a relação entre a sua realidade psíquica interna e a realidade externa que possui elementos que fazem intervir a individualidade e a singularidade (Marques, 1999). A resposta Rorschach é considerada como um “novo objecto” que nasce da confrontação entre objecto interno e externo e que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido.

Marques (1999) refere que a análise e interpretação da expressão Rorschach pode ser organizada através da noção feminino-masculino, que deve ser encarada como o elemento que funda e estrutura a identidade de cada sujeito. “É a partir da *capacidade de ser* que se estabelece o *sentimento de ser, de existir* bem como a aptidão para realizar.” (op. cit. p. 209). Tal capacidade de ser, de existir e de realizar sexuado conduz, depois, à possibilidade de se expressar a *vivência de ser, de existir e de realizar* bissexuado, interactivo e intersubjectivo, vivência esta que também se expressa na *relação ao objecto, ao Outro*, também ele bissexuado, interactivo e intersubjectivo. A identidade é assim o conjunto de características que diferenciam cada sujeito e determinam a sua unidade, estando nesta unidade contida a bissexualidade...” (op. cit. p. 209).

Assim, na análise e interpretação da resposta Rorschach devem ser consideradas duas dimensões, sendo a primeira a que coloca em jogo a identidade e que, conforme salienta a autora, nos dá conta de que interpretar uma mancha é proceder à separação figura/fundo, dentro /fora, sujeito/objecto. O sujeito estabelece uma relação com o objecto que “... pressupõe a separação Eu/não Eu que conduz, permite e revela a relação do sujeito com o mundo. Esta relação, fundada no sentimento de existir, leva à capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ser um continente...” (Marques, 1999, p. 210) e através da acção da identificação projectiva “...estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo.” (Marques, 1999, p. 210)). A segunda dimensão, salientada por Marques (1999) coloca em jogo a sexuação e a relação e considera o masculino e o feminino nas relações com o interactivo e o intersubjectivo. De acordo com a autora os cartões Rorschach contêm como referência fundamental a integração dos dois parentes, dos dois sexos, das pulsões libidinais e agressivas e dos vínculos amor, ódio e conhecimento. Nos cartões Rorschach, joga-se num primeiro plano, o nível de integração fantasmática do casal parental combinado e, num plano secundário, joga-se também uma expressão que deve conter a diferença dos sexos e de gerações e a complementaridade. Cada cartão pode revelar as relações com o masculino e o feminino, o heterossexual, “... que não são mais do que relações construídas sobre o materno e o paterno, com integração da bissexualidade.” (Marques, 1999 p. 211). Assim “... a percepção das manchas Rorschach deve ser considerada como impondo um trabalho activo e criativo que compromete sujeito e objecto em movimentos e relações com a marca da contenção recíproca, da relação continente-conteúdo, da significação, da ligação e da transformação...” (op. cit. p. 211).

No sentido de melhor se compreender a formulação do processo resposta Rorschach Marques (1999) salienta o facto de que “... o confronto do sujeito com a tarefa que o leva a interpretar e dar significação às manchas, só é possível de realizar porque inscrito num quadro relacional que apresenta relações de continente-conteúdo...” (op. cit. p. 213). Ao ser confrontado com a situação Rorschach, o sujeito vai ficar numa situação de desestabilização e vai ser obrigado a um trabalho de ajuste e equilíbrio da própria ordem interna, através da integração desta nova experiência emocional, o que será realizado através de uma actividade de ligação sustentada pela identificação projectiva, actividade esta que vai estabelecer as significações através de novas relações continente-conteúdo e que permite a passagem da dispersão para a integração. Este é o processo que permite ver emergir e “... actuar o pensamento o que leva à criação de símbolos...” (op. cit. p. 213). A identificação projectiva, na acepção de Bion (in Marques, 1999) é um mecanismo que é a base de comunicação dentro do sujeito e do sujeito com o objecto e o mundo externo, sendo este mecanismo o que permite o crescimento e o conhecimento. É através da identificação projectiva que se pode considerar que a situação Rorschach, e o processo resposta Rorschach, impõe uma actividade de comunicação sujeito/objecto, dentro/fora que vai dar origem ao enriquecimento e crescimento. Transformar em símbolo a mancha Rorschach impõe o encontro, a ligação e a transformação entre o mundo externo e as significações do mundo interno. A resposta Rorschach pode assim ser considerada, de acordo com Marques (1999), como um processo de formação de símbolo, que decorre da actividade de pensar e que impõe o restabelecimento do equilíbrio através de novas relações continente-conteúdo podendo-se aceder à natureza do sujeito. Verifica-se assim a importância desempenhada pela formação do símbolo, ou simbolização, no processo resposta Rorschach. Bion (in Marques, 1999) havido estabelecido uma ligação entre a formação do símbolo e o pensar. No Rorschach é o sujeito que, face a uma experiência de caos e pela acção da identificação projectiva, cria símbolos, ao transformar essa experiência caótica em pensamentos. Assim, o Rorschach, considerado como um objecto com características indutoras de desequilíbrio, vai obrigar o sujeito a um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade do objecto quer interno, quer externo revelando-se assim o trabalho de transformação e criação de significações de novos objectos. Considera-se então o processo resposta Rorschach como um processo de formação de símbolo que decorre da actividade de pensar o que implica que se pode assim aceder à natureza do sujeito, verificando-se como é que, através da comunicação, ligação, transformação e simbolização ele usa o pensamento.

4. Procedimentos de análise

Procedeu-se à análise dos cartões através de duas dimensões: a simetria e o valor simbólico dos cartões. A análise da simetria, pelo seu papel de organizadora das manchas através da harmonia e da coesão, ainda que uma harmonia inquietante, pode remeter-nos para a constituição do espaço psíquico, para a construção de um espaço de ser, através do paralelo que se estabelece entre a coesão e a harmonia das manchas e a harmonia e coesão na vida mental que, em confronto com o desconhecido e a dispersão, implica o desenvolvimento e o crescimento, possíveis através da relação continente-conteúdo. Analisar a simetria das manchas implica proceder à separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto o que pressupõe a separação Eu/não Eu, revelando-se assim a relação do sujeito com o mundo, que se funda no sentimento de existir, possível a partir da capacidade de ser um continente e através da identificação estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo. A análise do valor simbólico remete-nos para a sexuação e a relação, o que, de novo, nos conduz à construção do espaço psíquico no adolescente, com a consequente aquisição de uma identidade feminina ou masculina, uma vez que o valor simbólico dos cartões é revelador das relações com o masculino e o feminino, que são no fundo relações construídas sobre o materno e o paterno, com integração da bissexualidade.

Dado o objectivo do estudo realizado, procedeu-se também à análise dos elementos formais da cotação. No que diz respeito aos modos de apreensão, de acordo com Chabert (1998), verifica-se que os mesmos nos conduzem à forma como o sujeito estabelece a sua relação com o mundo, a forma como estabelece contacto e o percebe, que continente encontra para esses conteúdos: num sentido mais alargado através dos (G), num sentido mais restrito através dos (Dd). A apreensão em G pode dar conta de uma imagem de corpo relativamente estável e interiorizada assim como pode dar conta do reconhecimento de um objecto total no seio de uma relação com o mundo, em que se utilizam as capacidades de diferenciação entre sujeito/objecto, real/imaginário verificando-se a existência de um espaço psíquico que se testemunha nas capacidades de interiorização e mentalização. A forma como o sujeito apreende a mancha na sua totalidade, a partir da construção simétrica em torno de um eixo médio, mostra como é capaz de estabelecer uma relação e comunicação com o mundo uma vez que, ao preservar um interior, de ser um continente é capaz de estabelecer conteúdos provando-se assim a existência de um espaço psíquico enriquecido pela experiência emocional que conduz ao conhecimento e ao crescimento. De qualquer forma, seja qual for a qualidade

dos G, torna-se possível estabelecer um paralelo com o processo adolescente na medida em que o adolescente ao tentar manter a sua coesão e integridade, ao tentar compreender os sentimentos e as emoções experimentadas procura um continente capaz de conter e integrar tudo o que está a acontecer fazendo muitas vezes uso dos objectos externos que se podem tornar na garantia dos seus objectos internos.

A abordagem dos modos de apreensão pelos D, sobretudo quando associados a F+ ou FC ou K com uma F de boa qualidade, dão conta da presença de um Ego suficientemente forte que se pode submeter à prova da realidade. Por exemplo, nos cartões II e III a abordagem em D permite deixar de lado as manchas vermelhas e evitar o confronto com os movimentos pulsionais reactivados e sentidos como perturbadores e perigosos. Assim, o sujeito vai ser capaz, através de um mundo com limites seguros (continente), dar significação ao externo, encontrando um sentido que lhe permite fazer face às emoções surgidas através da elaboração e integração desta nova experiência emocional, transformando-a em conhecimento. Tal só é possível devido à existência do vínculo K que conduz à experiência emocional, que é a força do pensamento, feita do reencontro de K com a capacidade de *rêverie* estabelecendo-se assim o papel fundamental do objecto externo na constituição do psiquismo (Bégoin-Guignard, 1995). Em relação aos Dbl centração nos mesmos inscreve-se sempre no contexto de uma falha que, embora em situações conflituais diferentes, mantém a tónica na incompletude. Assim, estamos perante uma falha fundamental que a apreensão de algo em branco tenta recusar por apelar à incompletude sentida pelo sujeito e que conforme refere N. Rausch de Traubenberg (*in* Chabert, 1998) evidencia dificuldades em penetrar verdadeiramente no cartão e que, transportando para a realidade do sujeito, evidencia dificuldades na relação entre o dentro /fora, entre o sujeito objecto e entre o Eu e o Outro.

Nos determinantes formais um número suficiente de respostas F sublinha a utilização por parte do sujeito de um modo de funcionamento normal, habitual e necessário, numa apreensão da realidade o mais próximo possível do seu contorno formal, constatando-se assim como o sujeito é capaz de estabelecer relações com o Outro e com o meio numa forma realista e adaptada. Um número insuficiente de respostas F sublinha a utilização, por parte do sujeito, de um modo de funcionamento em que a relação com o real è frágil, precária não permitindo o apoio das funções adaptativas. Assim a qualidade das respostas formais vai remeter para uma delimitação dentro e fora que se materializa na capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo, desempenhando um papel de membrana ou barreira que vai permitir a

distinção e a diferenciação entre sujeito/objecto. No que diz respeito às respostas formais de má qualidade (F-) salienta-se a importância do seu aparecimento na medida em que assinala a capacidade do sujeito de se enganar, de falhar, de se perturbar e diminuir o controlo, evidenciando-se a flexibilidade do funcionamento mental que permite ao sujeito passar de movimentos de progressão para movimentos de regressão conseguindo no entanto manter o equilíbrio e efectuar a passagem entre o dentro e o fora. É de salientar que a análise dos significados das respostas formais nos protocolos utilizados tem em consideração que se trata sempre de estabelecer os limites entre o dentro e o fora, através da capacidade do sujeito de distinguir forma, fundo e consequentemente diferença entre real e imaginário. É do estabelecimento destes limites entre o dentro e o fora que o adolescente se estrutura. Através dos movimentos de dispersão e integração o adolescente constrói um mundo interno criado com o objectivo de manter a sua coesão e integridade, através de uma relação continente-conteúdo que permite pensar a experiência e transformá-la em conhecimento. Ao fazer isto o adolescente realiza a ligação entre os objectos internos e externos, entre o dentro e o fora permitindo-se diferenciar e existir, Ser.

No que diz respeito aos determinantes cinestésicos verifica-se que as cinestésias, com a referência a uma imagem humana inteira, constituem o factor mais pertinente na abordagem da representação de si, da identificação e da relação com o outro. Evidenciam a questão da construção da pessoa em relação com o seu meio objectal e permitem pôr em evidência os arranjos narcísicos e objectais, sublinhar as características das imago parentais e apreciar o que o sujeito pode viver e representar-se de si mesmo. Trata-se assim de se verificar a forma como o sujeito se representa e representa os outros no seu mundo interno e como se instaura um sentimento de Ser, coeso e integrado na bissexualidade psíquica sendo assim capaz de estabelecer relações com o outro, sendo diferente e sendo de outro sexo. Assim, a manutenção estável de um percepto humano apreendido sem ambiguidade, reconhecendo-se o que pertence ao sujeito e ao objecto, mostra o carácter operante dos processos de diferenciação e de individuação. Testa-se então a identidade do sujeito, na continuidade do ser, na pertença ao mundo humano e na capacidade de se identificar ao outro, através das suas semelhanças e diferenças. Esta identidade só é tornada possível através do elemento feminino que fornece as bases para Ser, e através do feminino primário de Bégoin-Guignard que permite a primeira ligação ao desejo do Outro tornando assim possível a diferenciação e a individuação. Assegurada a identidade do sujeito, as cinestésias apresentam várias possibilidades no que diz respeito à identificação a um modelo sexuado. Se a identificação sexual é estável e

harmoniosa as representações humanas surgem distintamente em termos masculinos e femininos. A bissexualidade psíquica surge na capacidade do sujeito dar representações masculinas e femininas, dominando claramente a polaridade da sua identidade sexual real. Constata-se a integração da bissexualidade, dos aspectos activos/passivos, fortes/fracos, masculinos/femininos possibilitando esta integração o acesso a uma imagem de si inteira, sexuada e diferenciada capaz de se relacionar com o Outro distinto, delimitado e sexuado. A identificação sexual revela-se também na flexibilidade das tomadas de posição, na facilidade em identificar as personagens e na coerência entre a identidade sexual atribuída e as suas condutas. As identificações sexuais são conflituais quando se verifica o recurso a personagens não identificadas sexualmente e quando os modelos sexuais são caricaturais. Os cartões com simbólica sexual são geradores de angústia, verifica-se a incapacidade de elaboração da bissexualidade psíquica assistindo-se às dificuldades em manter uma escolha de identificação estável traduzindo-se estas em respostas em que não existe uma atribuição claramente sexual nas personagens encontradas nos cartões.

As cinestésias animais (Kan) remetem para o deslocamento dos movimentos pulsionais para imagens animais. Desempenham um papel defensivo e protector servindo a representação animal de mediador e de lugar de expressão de afectos permitindo ao sujeito não se sentir angustiado pelos conteúdos surgidos e que tem dificuldade em elaborar e transformar. As cinestésias de objecto (Kob) encontram-se relacionadas com as manifestações das pulsões parciais que remetem para o investimento de zonas erógenas num processo semelhante ao do adolescente podendo observar-se, nos adolescentes, respostas que colocam em causa a integridade psíquica ou corporal ameaçada pelas descargas das pulsões presentes nesta fase em que o adolescente se tenta reorganizar face às emoções e sentimentos que irrompem.

Nos determinantes sensoriais observa-se que as respostas cor podem ser reveladoras da fragilidade das barreiras de protecção que salvaguardam a estabilidade do Ego devido à sensibilidade à realidade externa evidenciada no confronto do sujeito com a mancha. Constata-se assim a impossibilidade da utilização da cor enquanto superfície de mediação entre o dentro e o fora, surgindo a realidade externa como reveladora da inexistência de um envelope psíquico que contém um dentro uno e coerente com um núcleo organizador da realidade interna. Estaríamos assim perante a inexistência de um continente, na presença de um objecto interno capaz de manter unida a personalidade, e portanto incapaz de se projectar num objecto externo que forneça um continente às projecções. As respostas cor, quando

determinadas pelas respostas F, apresentam significados importantes no que diz respeito à constituição de um espaço psíquico interno, diferente do mundo exterior. Consta-se que, as respostas cor e as respostas formais, quando são de boa qualidade, remetem para a construção de um envelope suficientemente sólido que se traduz na capacidade do sujeito em perceber o mundo exterior como tal e poder assim encontrar o outro. Assim, pode-se afirmar que o sujeito face ao impacto do “caos” (mancha) consegue atribuir um significado, produto de um processo que ocorre no seu espaço mental, contido numa relação que lhe serve de continente e move os objectos internos, desencadeando emoções e cognições que conduzem ao símbolo (Marques, 1999) e consequentemente ao acto de pensar sendo possível estabelecer a diferenciação entre dentro e fora, sujeito e objecto provando-se a existência de um espaço psíquico através do qual o sujeito é capaz de se organizar face à realidade externa/realidade interna e constituir-se enquanto Ser.

Nas respostas esbatimento pode observar-se que os esbatementos de textura remetem para uma procura de apoio, de um continente, de um envelope que funcione como protecção contra a realidade externa. Pode-se assim afirmar estarmos na presença de dificuldades ao nível da relação mãe criança evidenciando-se a incapacidade da mãe de funcionar como continente dos conteúdos da criança.

Os conteúdos são traduções de significados a descobrir. Assim no que diz respeito aos conteúdos animais observa-se que, um grande número de respostas deste tipo revela a existência de uma carapaça social erguida como defesa para evitar o contacto autêntico, para evitar a relação uma vez que podem testemunhar o primado de uma actividade imaginária ou delirante, onde se verificam os aspectos dessocializados. Em relação aos conteúdos humanos importa salientar que é necessário o aparecimento de um número mínimo de respostas humanas “H” para se constatar a capacidade do sujeito de se identificar com uma imagem humana o que implica reconhecer a sua pertença à espécie humana, fundamentando-se assim a identidade do indivíduo numa primeira articulação diferenciadora. As representações humanas claramente definidas assinalam a aptidão do sujeito em reconhecer a sua identidade subjectiva. Mostram como o sujeito é capaz de se representar a si próprio num sistema de relações, que abre caminho à empatia e ao reconhecimento do outro, no assinalar das suas semelhanças e diferenças. Mostram como o sujeito é capaz de ser distinto e separado do Outro sendo assim capaz de se representar inteiro, delimitado e separado no seio de uma relação onde existe a

representação do outro também ele inteiro e separado abrindo caminho à construção de uma identidade sexual e adulta. O sujeito pode assim passar a ser com o Outro.

5.Participantes

Os resultados obtidos são provenientes de duas provas Rorschach realizadas a dois adolescentes em contexto escolar, o João e a Rita, que possuíam respectivamente, 17 anos e 4 meses e 17 anos e 2 meses.

O João é o filho mais velho de uma fratria de 2, tendo o irmão 14 anos. Os pais são casados, só o pai exerce uma profissão. Frequenta o 12º ano de escolaridade e nunca reprovou em nenhum ano. Pretende ser engenheiro mecânico. Nunca teve qualquer contacto com a Psicologia ou Psiquiatria.

A Rita é a filha mais velha de uma fratria de dois, tendo o seu irmão 11 anos. Os pais são casados e ambos exercem uma profissão. Frequenta o 12º ano de escolaridade e nunca reprovou em nenhum ano. Pretende seguir a área de Humanísticas mais especificamente Direito. O único contacto que teve com a Psicologia ocorreu aquando da realização de testes psicotécnicos.

6.Análise dos protocolos

A análise dos protocolos centrou-se sobre a constituição do espaço psíquico, na sua qualidade e na constituição de um sentimento de identidade, de ser. No protocolo da Rita observou-se que no cartão I, após um tempo de reacção relativamente breve, a Rita dá uma resposta apreendida na sua totalidade, acompanhada da banalidade o que atesta a capacidade de, face ao impacto de uma situação nova, desconhecida, indutora de uma situação catastrófica, de caos psíquico, ser capaz de mobilizar os seus recursos internos e numa procura de coerência interna fornecer uma resposta onde se constata a convergência entre a imagem e o conceito, o que poderá ser representativo da integração correcta da unidade corporal e da representação de si. Verifica-se que existe a capacidade de diferenciar sujeito/objecto assim como fora/dentro, apesar do desconforto sentido face a este primeiro cartão e que se tenta compensar através de comentários inerentes ao material que serve de mediação esta relação entre o sujeito e o

Outro, numa procura de um continente para conteúdos que se conseguem elaborar e transformar em conhecimento.

No cartão II a Rita é incapaz de dar qualquer resposta assistindo-se a uma recusa num cartão onde é introduzida a cor vermelha que apela aos afectos fortes, não conseguindo assim dentro de si um continente capaz de fazer face aos conteúdos internos suscitados por este cartão, acabando inclusivamente por efectuar uma crítica de objecto que poderá mostrar como a abordagem deste cartão é feita com desconforto. Face aos afectos das expressões pulsionais libidinais e agressivas, que deveriam ser integrados, mostra-se incapaz de interiorizar estes num pensamento, numa resposta Rorschach.

No cartão III, após um tempo de reacção mais longo, surge a apreensão pela globalidade e pela evocação da banalidade *duas pessoas*. De observar que num primeiro momento não é atribuído um sexo específico às personagens o que poderá dar conta de dificuldades nas escolhas identificatórias. No entanto estas pessoas encontram-se em interacção *a trabalhar*, o que poderá dar conta da existência de um corpo íntegro em relação a si próprio e ao Outro. A presença da cinestesia reforça a forma como a Rita se representa e representa os outros no seu mundo interno verificando-se assim que se vê como uma pessoa à procura do feminino, que necessita de se identificar ao mesmo, o que lhe permitiria reconhecer a sua identidade subjectiva e identificar-se a um sexo de forma a poder passar a ser com o Outro.

No cartão IV e após um tempo de reacção superior à média surge uma resposta com uma apreensão em D associado a uma má forma. Assiste-se a um movimento regrediente numa tentativa de suportar a angústia e o mau estar provocado por este cartão efectuando a Rita uma apreensão de uma imagem que não se identifica a um conteúdo fálico, poderoso, de potência como geralmente acontece mas a uma imago materna pré-genital num contexto de passividade destrutiva onde não tem lugar a constituição de um continente capaz de conter estes conteúdos, de os integrar e experienciar transformando-os numa imagem activa, una e diferenciada sexualmente. Devido à angústia vivida na prancha anterior fornece uma resposta onde o conteúdo (A) tem como função circunscrever a impressão disfórica presente no aumento do tempo de reacção, funcionando *o coelho dos desenhos animados* como forma de escapar a uma representação que deveria ser de força e de potência e que acaba por se transformar numa *explosão* de onde se pode sair e que permite fazer face à problemática

suscitada por este cartão. Verifica-se aqui a presença de uma força pulsional exacerbada capaz de danificar o envelope perceptivo conforme se constata no inquérito *por estar todo rasgado*.

No cartão V, numa primeira resposta surge a banalidade associada a uma forma de boa qualidade demonstrativa da existência de um movimento progrediente que visa restaurar o equilíbrio interno desestabilizado no cartão anterior. A Rita procura assim manter a sua coesão e integridade através de respostas apreendidas na globalidade, associadas a boas formas. Evidencia-se uma representação de si estável e inteira, sendo capaz de fazer o reconhecimento da sua identidade subjectiva e, num movimento progrediente em relação ao cartão anterior recuperar, neste cartão mais neutro. Numa segunda resposta verifica-se o exagero do feminino numa *senhora do cabaret de Paris* como forma de valorizar a representação de si, necessária face à angústia sentida no cartão anterior mas que rapidamente se transforma num conteúdo para-humano *uma deusa antiga*, testemunhando-se assim a forma como tenta assegurar o seu sentimento de integridade psíquica. Assiste-se assim à valorização do feminino em contraste com o pulsional desgarrado do cartão IV.

No cartão VI, após um tempo de reacção mais elevado surge uma resposta pela globalidade associada a uma boa forma num cartão onde existe um simbólico masculino dominante, mascarado na resposta pela indefinição da mesma *como se chama aquelas coisas dos índios*. A Rita, enquanto adolescente encontra-se envolvida num processo que obriga a tomada de posições entre activo /passivo, masculino/feminino num percurso marcado pela sexuação, que pressupõe a integração da bissexualidade e a transformação dum corpo infantil num corpo de adulto sendo assim obrigada a uma escolha sexual feminina ou masculina. Atesta-se a dificuldade na tomada de posições entre activo/passivo, masculino /feminino através da criação de uma imagem que não se nomeia, comprovativa das dificuldades inerentes à integração da bissexualidade psíquica e conseqüente representação de uma imagem de si diferenciada sexualmente.

No cartão VII, após a manipulação do mesmo e de um tempo de reacção alargado assiste-se a uma apreensão pela globalidade associado a um F_{\pm} dando a Rita respostas que testemunham a utilização de mecanismos de defesa contra a implicação e um compromisso num cartão cuja implicação simbólica é feminina e/ou materna, o que a obrigaria a situar face ao feminino e ao materno. A Rita faz assim uso de mecanismos de prudência face à sua implicação neste cartão emergindo como resposta *um colar moderno* ou *um mapa em simetria* que atestam a

dificuldade em fazer uso de um continente interno capaz de elaborar e transformar em conhecimento esta experiência emocional que conduziria à diferenciação entre feminino e masculino.

No cartão VIII, após um tempo de reacção mais alargado surge um Equivalente Choque num cartão que pela introdução das cores suscita a emergência de emoções e afectos. Após um período inicial de dificuldade em relação às emoções e afectos suscitados surgem respostas apreendidas em D *dois ursos, de um lado a trepar, a um pinheiro* e associadas a F+ e FC que mostram como a Rita possui um Ego suficientemente forte para se submeter à prova da realidade conseguindo assim fazer face às suas emoções e fantasmas atestando-se a existência de um continente que permite dar significação ao externo e construir um sentido no interno.

No cartão IX, após um tempo de reacção bastante alargado surge um Equivalente de Choque que precede uma resposta apreendida em D e associada a uma K num cartão que reenvia para uma imago materna pré-genital, carregado de um simbolismo materno-feminino. É assim que a Rita face à impossibilidade de, no confronto com a mancha/experiência, ser capaz de a conter e integrar se vai reorganizar e transformar essa impossibilidade numa resposta que traduz a vivência de uma angústia, mas uma angústia aceite e integrada colocando em jogo as suas capacidades de estabelecer uma relação continente/conteúdo inaugurada na relação materno primário e revivenciada na adolescência.

No cartão X, após um tempo de reacção bastante mais curto do que o anterior surgem respostas apreendidas na globalidade num cartão que por ser o último representa a ruptura da situação que poderá ser sentida como alívio ou como ferida. A Rita fornece respostas que revelam esforços de integração dos elementos dispersos. No entanto os F_± associados aos G poderão dar conta da utilização de mecanismos de prudência face ao findar de uma prova que permitiu a existência de uma relação continente-conteúdo, observando-se no entanto a existência de alguma fragilidade na construção do espaço psíquico.

Da análise dos traços salientes do psicograma, verifica-se que existe um predomínio da resposta global em detrimento do modo de apreensão parcial o que pode ser representativo do carácter adaptativo e socializado do funcionamento cognitivo, verificando-se a possibilidade de estabelecer a diferença entre figura/fundo, sujeito/objecto, de estabelecer um limite entre o dentro e o fora, podendo assim pensar-se na existência de uma representação de si inteira e

unificada. As respostas G encontram-se na maior parte dos casos associadas a boas formas pelo que se poderá constatar as capacidades de interiorização e mentalização que dão conta da constituição de um espaço psíquico. As respostas D, apesar de se encontrarem abaixo dos valores normativos, encontram-se associados a boas formas pelo que será legítimo afirmar a existência de um Ego suficientemente forte capaz de se submeter à prova da realidade. Verifica-se a existência de um investimento na realidade externa, através do valor normativo das Ban e, ainda que no mínimo, constata-se o recurso ao imaginário através do K e k. A análise do TRI mostra como a Rita, face à invasão fantasmática provocada pela solicitação simbólica do material procurou construir um discurso pouco criativo e modulado pela realidade interna. Já o R% mostra a dificuldade da Rita em mobilizar os afectos enquanto que, os conteúdos nos fornecem dados que mostram que a Rita se encontra envolvida num processo de reconhecimento da sua identidade subjectiva.

No protocolo do João observou-se que, no cartão I, após um tempo de reacção relativamente curto, surge uma resposta apreendida na globalidade associada a uma boa forma, onde a banalidade se apresenta, verificando-se o recurso a uma precaução verbal *parece*. Face ao impacto de uma situação nova, o João restaura o equilíbrio através da organização da percepção pela globalidade o que poderá testemunhar a forma como é capaz de fazer o reconhecimento de um objecto no seio de uma relação com o mundo atestando a resposta banal como o João percebe a sua unidade corporal como um todo.

No cartão II, após um tempo de reacção mais alargado assiste-se à apreensão em D de *duas pessoas* em interacção às quais não é atribuído um sexo específico. Os personagens não são identificados sexualmente o que poderá sugerir que, o confronto com a representação humana, nos seus aspectos libidinais e agressivos poderá transmitir alguma ansiedade. De personagens em interacção, indefinidas sexualmente numa posição passiva passa-se, com a integração da cor vermelha, a uma posição activa *talvez represente um conflito* e à procura do sexo masculino, traduzido no inquérito pelo *simbolismo de uma luta* assistindo-se à tentativa de integração das expressões libidinais e agressivas, numa procura de um continente capaz de fazer face aos conteúdos suscitados. Assiste-se assim à existência de um conflito entre o feminino e o masculino, patente no inquérito através das respostas *pelo desenho, uma dança*.

No cartão III, após um tempo de reacção ainda mais alargado do que o do cartão anterior assiste-se a uma crítica ao material com o objectivo de se securizar em relação às pulsões

surgidas no cartão anterior. A apreensão em D, com a centração na resposta Dbl testemunha a forma como este cartão é sentido; como representativo de uma falha que se tenta compensar através do investimento na forma. A resposta sustentada pelo João atesta a existência de uma angústia corporal provocada pelo feminino e/ou masculino cuja identificação deveria surgir neste cartão.

No cartão IV, verifica-se a redução do tempo de reacção surgindo uma resposta novamente precedida da precaução verbal *parece* onde a apreensão é feita na globalidade e acompanhada da banalidade *pele de animal*. A adequação formal sugere-nos como o João, num cartão sentido como fálico, que poderia suscitar imagens de poder, procura um continente, um envelope que funcione como protecção contra a referência ao activo, ao masculino, ao viril adoptando uma posição passiva, no assumir de uma posição identificatória na *pele de um animal.... esfolado*. Verificam-se as dificuldades em encontrar um continente materno capaz de traduzir os dados sensoriais em elementos alfa.

No cartão V, após um tempo de reacção bastante alargado surge uma crítica ao material que precede uma resposta onde surge novamente a precaução verbal *parece*. A apreensão é feita na globalidade com uma boa adequação formal numa tentativa de integração de uma imagem de si inteira. No entanto verifica-se a *forma estranha* da imagem apreendida, o que poderá dar conta de alguma fragilidade na representação de si, num cartão onde normalmente nos adolescentes masculinos a evidência perceptiva é o pretexto para afirmação da necessidade de poder, valorizando-se a concretização e a delimitação das representações.

No cartão VI, novamente com um tempo de reacção longo, assiste-se à utilização da precaução verbal *parece* em duas respostas apreendidas na globalidade, num cartão que reenvia para a necessidade da representação de si numa imagem sexualmente definida e adquirida. A associação do G a uma resposta F_{\pm} num primeiro momento, e a um EF num segundo momento, testemunha como o João se encontra envolvido numa dinâmica passiva face às implicações sexuais deste cartão encontrando-se à procura de um continente capaz de sustentar e transformar os conteúdos associados à obrigatoriedade de constituir uma representação adulta e diferenciada sexualmente, fazendo assim, uso de mecanismos de prudência face à urgência da tomada de decisão. Atesta-se a dificuldade da realidade externa em reorganizar o interno em desestabilização nas *duas partes iguais que não têm nada a ver uma com a outra estão separadas*. Comprova-se a dificuldade em integrar o feminino e

masculino, em integrar a bissexualidade que possibilitaria a diferença mas que não colocaria em risco a unidade.

No cartão VII, após a redução do tempo de reacção surge uma representação humana, indeterminada, *dois rivais*, transformados em *duas pessoas* no inquérito. A apreensão é feita na globalidade num cartão que mobiliza uma projecção directa de si em relação ao materno e ao feminino. O João faz a apreensão da cinestesia humana, o que testemunha a capacidade de estabelecer uma relação com o seu meio objectal sublinhando as características das imago parentais. No entanto, a representação humana não é claramente definida em termos masculinos e femininos, sendo esta representação sustentada por duas pessoas numa interacção de conflito e demonstração de poder. Não existe uma clara diferenciação masculino/feminino o que poderá dar conta da dificuldade em articular os elementos femininos.

No cartão VIII, regista-se novamente um tempo de reacção elevado, surgindo a precaução verbal *talvez* num cartão que induz uma mudança de atitude no sujeito pela aparição de diferentes tons pastéis que suscitam reacções ao nível emocional. A apreensão é feita em D, num clima emocional mais suave o que testemunha a capacidade do João de restaurar a imago materna e conferir-lhe a capacidade de funcionar como um continente interno, restaurado e que através do vínculo K, vai permitir fazer face às emoções e afectos suscitados por este cartão possibilitando a articulação entre o interno e o externo e a vivência harmoniosa destas duas realidades.

Novamente se verifica um tempo de reacção mais alargado, num cartão (IX) apreendido na globalidade e que reenvia para um simbolismo materno-feminino. As precauções verbais *parece, talvez* surgem, num cartão onde a utilização da cor, nomeadamente na primeira resposta, remete para a utilização de um envelope suficientemente sólido que testemunha a capacidade do João em perceber o mundo exterior e poder encontrar o Outro. O João é assim, capaz de, no confronto com a mancha e as emoções e afectos suscitados, construir um espaço interno onde a articulação de uma relação continente/conteúdo materno/feminino é possível e possibilita a criação de um novo objecto. No entanto, a segunda resposta deste cartão vem lembrar que o João se encontra envolvido num processo adolescente que devido aos movimentos de dispersão pode evidenciar as dificuldades no estabelecimento dos limites entre o dentro e o fora e na constituição de um envelope contendor.

No cartão X assiste-se a um tempo de reacção curto, numa apreensão feita na globalidade numa tentativa de integrar os elementos dispersos. Surge uma imagem de festa que testemunha a capacidade do João de encontrar no seu interior um espaço psíquico capaz de conter estes elementos dispersos e transformá-los em conhecimento, essencial ao evoluir psicológico e ao crescimento. No entanto, verifica-se a presença de uma crítica de objecto que poderá de alguma forma evidenciar a eminente ruptura da ligação ao Outro, que durante esta prova serviu de contendor aos conteúdos suscitados pelas manchas presentes nos cartões.

Da análise dos traços salientes do psicograma verifica-se que existe um predomínio da resposta global em detrimento do modo de apreensão parcial o que pode indicar a possibilidade do sujeito construir uma imagem global comprovando-se a possibilidade de dar uma representação de si inteira, onde existe a necessidade de integrar os aspectos da bissexualidade psíquica, os elementos femininos e masculinos no sentido de afirmar a sua imagem de si, o seu sentimento de Ser junto à imago materna. Existe a necessidade de se autonomizar face à imago materno a par com a necessidade de se estruturar enquanto continente que possibilite a diferenciação em masculino ou feminino. Verifica-se a adaptação à realidade através de um grande investimento, o que remete para uma boa ancoragem ao real, para uma boa constituição da identidade. Verifica-se o investimento na realidade externa através do valor dentro da média das Ban e o recurso ao imaginário e ao interno através dos K. A análise do TRI mostra a forma como o João constrói um discurso, suscitado pela solicitação simbólica do material, criativo e modulado pela sua realidade interna. Já o R% testemunha a capacidade do João em mobilizar os afectos enquanto que os conteúdos nos mostram que o João é capaz de reconhecer a sua identidade subjectiva sendo capaz de se representar a si próprio num sistema de relações que abre caminho ao reconhecimento do Outro.

7. Discussão

De uma forma mais abrangente, verificou-se que o protocolo da Rita apresenta movimentos progredientes e regredientes, movimentos que estão sempre presentes no processo adolescente, e que têm como objectivo a procura de coesão interna, numa necessidade de assegurar uma representação de si una e íntegra. Esta procura de coesão interna e integridade é conseguida à custa de uma relação continente-conteúdo, que permite a ligação entre os objectos internos e externos, entre o dentro e o fora, permitindo-se assim a Rita diferenciar e

existir, ser. Assiste-se assim à sua estruturação enquanto adolescente e à criação de um mundo interno capaz de restaurar o equilíbrio posto em causa pelo “fenómeno” adolescência. A capacidade de diferenciar sujeito/objecto evidencia a existência de capacidades de interiorização e mentalização. Uma vez que estas capacidades pressupõem a existência de um espaço psíquico, pode-se dizer que o mesmo se encontra presente na Rita, mas em renovação, em (re) criação.

No entanto, este espaço psíquico apresenta ainda algumas fragilidades na construção de uma relação continente-conteúdo que lhe permita atribuir significado e sentido, ao interno, face aos movimentos de dispersão e integração da adolescência. Recorre assim ao externo como forma de organizar o interno, procurando o sentido através de novas relações continente-conteúdo. Verifica-se a existência de um Ego suficientemente forte, capaz de permitir a atribuição de significado ao externo e possibilitar a construção de sentido no interno sem se desestabilizar. No entanto, face aos afectos das expressões pulsionais e libidinais, não é capaz de encontrar um continente materno que lhe permita fazer face aos conteúdos provocados por estas expressões. Assiste-se, assim, às dificuldades da Rita em se situar como autónoma e distinta da imagem materna, confrontada com a necessidade de dela depender para uma identificação a uma representação feminina. Encontram-se presentes as dificuldades em relação à representação feminina, à identificação ao feminino supostamente suportado pela imagem materna. A Rita encontra-se em processo de reconhecimento da sua identidade subjectiva e de identificação a uma representação feminina. No entanto, encontram-se ainda presentes as dificuldades na integração da bissexualidade e consequente representação de si diferenciada sexualmente. Pode-se assim afirmar que se trata de um protocolo onde se encontra presente o conflito adolescente, bem como em decurso a tentativa de afirmação de uma identidade sexual, na procura de um sentimento de posse de um corpo distinto do materno, num processo de identificação ao feminino e distanciamento e diferenciação da imagem materna no sentido de se diferenciar e constituir um espaço psíquico próprio. A Rita construiu o seu *ser*, patente na forma como é capaz de estabelecer uma relação com o mundo, na sua capacidade de preservar um interior e ser um continente, através da acção da introjecção e da identificação projectiva, possibilitado pelo materno primário. Procura ainda o *ser com*, possibilitado através do feminino primário, e visível nas relações que a Rita estabelece com os outros, no caminho de procura de si, a fim de encontrar o Outro através do qual se pode complementar.

No protocolo do João observam-se as dificuldades inerentes ao processo adolescente, num período em que se procura a estruturação, a manutenção do equilíbrio e a resistência aos movimentos de dispersão inerentes à adolescência. A forma como restabeleceu o equilíbrio face ao impacto de uma situação catastrófica, evidencia a existência de capacidades de interiorização e mentalização que lhe permitem fazer o reconhecimento do objecto, a separação objecto/sujeito, provando-se assim a existência de um espaço psíquico. Este espaço psíquico encontra-se sustentado por uma relação continente-conteúdo que apresenta algumas fragilidades na sua capacidade contentora. Ao longo deste protocolo são evidentes as dificuldades em se identificar ao feminino/masculino. Surge a ansiedade no confronto com a representação humana, verifica-se a oscilação entre activo/passivo, assiste-se ao conflito entre o feminino e o masculino. Verifica-se aqui uma vivência de incompletude pela não identificação ao feminino/masculino. O João procura um envelope de protecção que possa funcionar como um continente, face aos conteúdos provocados pelo activo, pelo masculino que não consegue elaborar. A realidade externa tem dificuldade em reorganizar o interno, pela dificuldade em encontrar um continente materno. Assiste-se às dificuldades na integração da bissexualidade, em virtude do João se encontrar numa dinâmica passiva face à constituição de uma representação adulta e diferenciada sexualmente. No entanto, num outro momento, assiste-se à tentativa de integração das expressões libidinais e agressivas, numa procura de continente. Verificam-se também movimentos que possibilitam a articulação entre o interno e o externo, e a capacidade do João de restaurar a imago materna e possibilitar-lhe funcionar como continente. Estamos assim perante um protocolo onde a capacidade de construir um espaço interno, onde a articulação da relação continente-conteúdo, materno-feminino é possível. Existem no entanto algumas dificuldades no estabelecimento dos limites dentro e fora e na constituição de um envelope contentor. Existe a necessidade do João afirmar a sua imagem de si, o seu sentimento de Ser, junto à imago materna, afim de prover a sua necessidade de se autonomizar, como forma de proceder à diferenciação masculino/feminino. É como se o materno primário, revivenciado de novo na adolescência, ainda tivesse de cumprir o seu papel, o *ser*, de forma a possibilitar que o feminino primário cumpra o seu destino e permita ao João *ser com*. Só assim poderá encontrar o Outro.

Confrontando estes protocolos, numa procura de elementos de encontro e de diferença no processo adolescente masculino e feminino, verificam-se as dificuldades evidenciadas pela Rita nos cartões II, III e VII, no acentuar do feminino, nas dificuldades de diferenciação entre o feminino e o masculino que pressupõe o afastamento face ao materno para que a identidade

feminina se constitua. No que diz respeito ao João verificam-se as dificuldades nos cartões IV e VII, acentuando-se o masculino, através da procura de protecção contra o activo, na busca de um continente protector. Constatam-se as dificuldades de integração do feminino e do masculino, integração que pressupõe o abandono da imago materna no sentido de construir a sua identidade masculina. De salientar também as diferenças evidenciadas nos cartões pastel, nomeadamente no cartão X (cartão da individuação e da separação). Enquanto a Rita esvazia de conteúdo diminuindo a imagem percebida, o João entra na euforia ao perceber uma festa.

8. Conclusão

O objectivo deste estudo era aceder à constituição do espaço psíquico do adolescente partindo, do princípio que este espaço é a base da construção de uma identidade própria. Foi utilizado o método Rorschach devido ao paralelo existente entre este e o processo adolescente. Através da constituição do espaço do materno primário e do feminino primário, sustentado pela relação continente-conteúdo, estabelece-se a importância do materno e do feminino na consolidação de um sentimento de Ser. Este sentimento de Ser possibilita ao adolescente trilhar o caminho da procura de si, de forma a encontrar o Outro. Este caminho é sustentado por uma relação continente-conteúdo que ganha novo significado na adolescência, ao se reactualizar e permitir a construção de novos significados neste período tão conturbado. O adolescente é confrontado com emoções que o impelem a colocar em causa os limites estabelecidos na segurança da infância e a procurar a estabilidade e a coesão numa nova relação continente-conteúdo, materno-feminino, que lhe permitam criar sentido e significado às experiências emocionais agora surgidas. O constante “vai-vém” entre o dentro/fora, entre interno/externo, obrigam-no a procurar estabelecer uma “barreira de contacto”, um envelope que o proteja e permita a integridade do Eu. O Rorschach, pelas suas características perceptivas e projectivas, permite observar movimentos progredientes e regredientes que mobilizam as representações internas relacionadas com os limites dentro/fora, sujeito/objecto, o Eu e o Outro, que implicam a constituição de um sentimento de existência. Permite assim aceder ao espaço psíquico do adolescente. Foi com base nesta procura que se tentou aceder à constituição do espaço psíquico dos adolescentes presentes neste estudo. O espaço psíquico do adolescente, que permite um sentimento de existência, funda-se nas relações com o materno e o feminino, integra a bissexualidade psíquica que permite a diferença. Diferença esta que se baseia na

singularidade e individualidade, ou seja, na identidade. É esta possibilidade da diferença, de ser distinto e separado do outro, que possibilita a estruturação do adolescente. O Rorschach, pelas suas características simbólicas, contém como referência básica a integração dos dois parentes, dos dois sexos representativos da integração da bissexualidade, necessária à constituição do Ser. A resposta Rorschach obtida permite observar, devido à solicitação simbólica de cada cartão, como o adolescente se constrói conduzindo-nos assim à sua “verdade” à sua “história” passada e actual.

O protocolo da Rita mostra como o seu espaço que se encontra “preenchido” com a sua identidade subjectiva mas ainda não definida sexualmente. A demarcação face ao materno ainda se encontra muito em movimento para que o feminino, o desejo e o encontro com o masculino ganhem mais dinamismo.

O protocolo do João mostra como o seu espaço psíquico ainda se encontra fragilizado pela necessidade de integrar o materno/feminino na articulação com o paterno/masculino, entre a procura de um continente protector e a busca de um Outro, da relação e do confronto, do complementar e do conflito.

A construção de sentido nestes protocolos permitiu assim evidenciar como os adolescentes se estruturam e constituem um sentimento de existência, de Ser num caminho trilhado pelo materno/paterno, feminino/masculino, pela bissexualidade psíquica que se sustenta através da relação continente-conteúdo.

O Rorschach, enquanto instrumento que facilita o acesso aos processos dinâmicos de funcionamento mental, permitiu evidenciar nestes adolescentes, a forma como o seu espaço psíquico se constrói e evolui, através da leitura dos protocolos numa metodologia que pressupõe o encontro entre o sujeito e o objecto, e uma nova relação que se estabelece.

Referências bibliográficas

- Bégoin-Guignard, F. (1988). Le rôle des identifications maternelles et féminines dans de devenir chez le garçon. *Adolescence*, 6(1), 49-74.
- Bégoin-Guignard, F. (1995). Le maternel et le féminin: deux espaces de la vie psychique. *Psychologie Clinique et Projective*, 1, 7-25.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto: interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Jeammett, P. (1980). Réalité externe et réalité interne. Importance et spécificité de leur articulation à l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*, 44(3-4), 481-521.
- Marques, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito. Expressões nos Rorschach de adolescentes. *Análise psicológica*, 1 (XIV), 45-52.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Symington, J. E N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro. Imago Editora Lda.

Protocolo de Rita (17 anos)

<p>I – 4”</p> <p>1 – Acho que um bicho, um morcego. Simétrico. Dá mais a sensação que é um bocado de tinta, que se dobrou o papel e ficou simétrico.</p> <p align="right">50”</p>	<p>Os olhos (sal. cent. sup.), e as asas e como é preto, associei um bocado.</p>	<p>G F+ A Ban →C’ Obs. Sim. Descrição mat.</p>
<p>II</p> <p>V Isto não me parece nada, foi alguém para se divertir na 1.^a classe. (Manuseia os cartões)</p> <p align="right">47”</p>	<p>(Ban?) Ah, claro, dois elefantes, dois cães a segurarem alguma coisa com o focinho.</p> <p align="center">D Kan A Ban</p>	<p>Recusa Crítica obj.</p>
<p>III - 11’</p> <p>2 – Isto podem ser duas pessoas, frente a frente a trabalhar. Mas é um bocado esquisito, porque embora tenha simetria de mulher, tem focinho de cão. Agora as manchas vermelhas é que não consigo.</p> <p align="right">1’10”</p>	<p>A bater os grãos, em África, só é esquisito estarem de saltos altos.</p>	<p>G K H Ban</p>

<p>IV</p> <p>Ai Jesus! V ^ 16''</p> <p>3 – Parece metade de um coelho dos desenhos animados. Só de barriga para baixo, aqui a cauda, as patas e os bolsos rasgados. Deve estar a acabar de sair de uma explosão.</p> <p>51''</p>	<p>Cauda (D cent.), as patas (“botas”) e os bolsos rasgados (sal. lat.). Parece que acaba de sair de uma explosão por estar todo rasgado.</p>	<p>Eq. choque</p> <p>D F- (A)</p>
<p>V - 12'' V</p> <p>4 – Pode ser uma borboleta</p> <p>5 – Pode ser uma senhora de cabaret de Paris, com aquelas capas enormes.</p> <p>6 – Uma deusa antiga</p> <p>48''</p>	<p>Porque eram metade pessoas e metade animais, patas e asas</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G K H</p> <p>G F+ (H)</p>
<p>VI</p> <p>V ^ 15'' Isto sinceramente</p> <p>7 – Como se chama aquelas coisas dos índios, que fazem com paus espetados e com peles esticadas em cima</p> <p>50''</p>	<p>O pau (D cent.) como os índios mais velhos com penas pintadas tinham e aqui pele (D inf.).</p>	<p>G F+ Obj.</p>
<p>VII</p> <p>V ^ 12''</p> <p>8 – Um colar moderno</p> <p>9 – ou um mapa em simetria</p> <p>29''</p>	<p>Vi numa exposição de joalharia israelita coisas assim.</p> <p>R.A.-Também parecem ser duas meninas com o cabelo no ar (1.º terço)</p> <p>D K H</p>	<p>G F± Obj.</p> <p>G F± Geo Obs. Sim.</p>

<p>VIII</p> <p>V Queria dizer qualquer coisa, mas não sei, francamente.</p> <p>16''</p> <p>10 – Aqui parecem dois ursos, de lado a trepar</p> <p>11 – a um pinheiro</p> <p>12 – por baixo pode ser uma rocha</p> <p>13 – ou estar um pinheiro a arder.</p> <p>1'03''</p>	<p>(D rosa lat.) Aqui as patinhas do urso e</p> <p>(D cinz. e D azul) aqui o pinheiro.</p> <p>(D lar. e D rosa), podem ser eles a fugir ou a apoiar-se na rocha</p> <p>(D laranja e rosa)</p>	<p>Eq. Choque</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D FC Bot</p> <p>D F± Min</p> <p>D Kob Nat.</p>
<p>IX</p> <p>13'' Não sei 26'' Não consigo 33''</p> <p>14 – Olhe, a parte cor de laranja parece uma bruxa</p> <p>52''</p>	<p>Estão a acusar-se uma à outra, nariz, chapéu, e como é cor de laranja, odeio cor de laranja, pode ser uma bruxa.</p>	<p>D K (H)</p>
<p>X - 14''</p> <p>15 - Isto pode ser um mostruário de algas marinhas.</p> <p>16 – Mas também pode ser micróbios aumentados</p> <p>17 – isto cá em cima parecem bichinhos.</p> <p>57''</p>	<p>São coisas esquisitas, indecifráveis.</p> <p>Estes pretos aqui (D cinz. sup.) são bichinhos de certeza, podem ser micróbios.</p>	<p>G F± Nat.</p> <p>G F± Cient</p> <p>G F+ A</p>

Escolha +: X, Gosto das cores, da variedade.

I, Gosto do morcego está bem feito.

Escolha -: II e III, a combinação de vermelho e cinzento está horrorosa.

Psicograma

R 17	G 11 65%	F 13 (7+,1-,5±)	A 5	F% 76%
TT 12'	D 6 35%	K 1	(A) 1	F+% 65%
Recusa II			H 2	H% 12%
		Kob 1	(H) 2	Ban 4
		Fclob 1	Obj 2	
		→C' 1	Nat 1	
			Min 1	
			Cient 1	

T A \bar{G} \bar{D}

TRI 3 K: 1,5ΣC

FC 1ΣK: 0ΣE

R C % 47%

Elementos qualitativos: Obs. Sim. (I, VII), Desc. material (I), Crit. Obj. (II), Eq. choque (IV;VIII;IX)

Protocolo do João (17 anos)

<p>I - 7''</p> <p>1 – Isto assim, pelo formato, parece uma borboleta.</p> <p>2 – Talvez um morcego, talvez pelo aspecto, não é perfeito. Acho que é só.</p> <p align="right">43''</p>	<p>A forma, estas partes laterais que parecem asas (sal. lat.) estas partes parecem garras (“mãos”) ou, no caso das borboletas, algum órgão de sentir, chama-se antenas.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II - 18''</p> <p>3 – Isto parece-me uma dança, duas pessoas a dançarem um bocado, talvez represente o conflito, este escuro e o vermelho</p> <p align="right">49''</p>	<p>Parece mais pelo desenho, pelo contraste, uma dança, simbólica, como nas tribos africanas, simbolismo de uma luta.</p>	<p>D K H</p>
<p>III - 21''</p> <p>Este é um desenho bastante subjectivo, mas talvez represente</p> <p>4 - O mais parecido com um caranguejo, pela forma.</p> <p align="right">54''</p>	<p>A forma não é muito explicativa, mas tem aqui as garras (“pernas”) e a cabeça (D ant.) e a carapaça (“corpo e cabeça” + bl).</p> <p>(Ban?) – sim, pessoas a mexer sobre qualquer coisa, uma mesa, talvez executando algum ritual.</p>	<p>Crit. Obj.</p> <p>D bl F- A</p>

<p>IV - 5''</p> <p>5 – Isto parece a pele de um animal, depois de esfolado, os contornos tem uma parecenas.</p> <p style="text-align: right;">36''</p>	<p>Acho que tem o formato, o pescoço a cabeça, os membros. Tem mais o aspecto quando a pele está estendida no chão.</p>	<p>G EF A Ban</p>
<p>V - 28''</p> <p>Este é bastante subjectivo < ^</p> <p>46''</p> <p>6 – Este parece um pássaro, com umas formas assim estranhas.</p> <p style="text-align: right;">1'</p>	<p>Pela forma, parece as asas</p>	<p>Crit. Obj.</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>VI – 27''</p> <p>7 – Este, talvez a representação de duas partes iguais que não têm nada a ver uma com a outra estão separadas.</p> <p>8 – Talvez a pele de um animal, símbolo de uma civilização.</p> <p style="text-align: right;">1'25''</p>	<p>Os desenhos são simétricos tem aqui uma fronteira.</p> <p>Os africanos têm assim objectos sagrados, simbólicos.</p>	<p>G F± Abst.</p> <p>G EF Simb./Ban</p>
<p>VII - 14''</p> <p>9 – Este talvez represente o confronto de dois rivais. Penso que será só isso.</p> <p style="text-align: right;">36''</p>	<p>Aqui parece a cara de duas pessoas frente a frente, a demonstrar poder uma à outra (1º terço)</p>	<p>G K H</p>

<p>VIII - 20''</p> <p>10 – Este desenho talvez um símbolo.</p> <p>11 – Aqui dois animais. É mais alegre que os outros.</p> <p>45''</p>	<p>Aqui ao centro seria uma imagem. Tem contraste de cores. Brasão de famílias antigas.</p>	<p>D F± Simb.</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX - 27''</p> <p>12 – Este parece assim uma árvore colorida.</p> <p>13 – Talvez representando as estações</p> <p>56''</p>	<p>Pela cor, verde, amarelo, vermelho, e uma parte despida de cor, o branco que talvez representasse o Inverno.</p>	<p>G CF Bot.</p> <p>G C Abst.</p>
<p>X - 6''</p> <p>14 – Isto parece uma festa, dá a sensação de alegria embora seja um bocado subjectivo.</p> <p>32''</p>	<p>Estas cores, o desenho não está concentrado, está espalhado, as cores mais vivas, sensação de alegria, convívio.</p>	<p>G C Festa</p> <p>Crit. Obj.</p>

ESCOLHAS +: II, Porque há o contraste entre o vermelho e escuro, dá a ideia de um conflito que há entre as duas partes.

X, Talvez porque é um desenho mais alegre, não é escuro. As cores, dá mais realce ao desenho, o contraste das cores.

ESCOLHAS -: I, Parece um animal, talvez um morcego, mas a forma é esquisita, não diz nada, parece uma mancha de tinta.

IV, Porque tem aqui, é um desenho muito subjectivo não me chamou à atenção, acho que não é interessante, talvez pela forma.

Psicograma

R 14	G 10 71%	F 8	A 6	F % 43%
	D 4 29%	(5+,1-,2±)	H 2	F+% 92%
TT 8'	D bl 1	K 2	Simb 2	A % 50%
		CF 12	Bot 1	H% 14%
		C 2	Fest 1	Ban 5
		EF 2		

T A G D

T.R.I. 2 K : 5 Σ C

FC 0 Σ K : 2 Σ E

R C % 33%

Elementos cualitativos: crit. obj. (III, V, X)